

Director: António Dantas, filho

Editor: Manuel Guimarães

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua Dr. Avelino Germano, 62—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranesense  
Rua de Paio Galvão

# O LUSITANO

Publicação semanal

Propriedade da Empresa de O LUSITANO

O Lusitano é o periódico vimaranense de maior tiragem e circulação neste concelho.

## O Sagrado Coração de Jesus

Ponhamos hoje de parte assuntos profanos para versar um tema da mais alta importância religiosa. E isto vem muito a propósito e torna-se necessário para impedir que os partidários do naturalismo consigam os seus ímpios desejos que apontam a fazer esquecer a ordem sobrenatural e a fixar na terra todo o ideal humano.

Sexta feira passada, penúltimo dia do mês de Maio, convidava-nos a Igreja a prestar ao Sacratíssimo Coração de Jesus o culto da nossa fé, do nosso respeito e do nosso amor, porque êle é a fonte perene donde teem brotado todas as bondades, todas as clemências, todas as misericórdias e todos os compadecimentos de Deus para connosco. E agora no mês de Junho em que entramos, ela, nossa mestra e preceptora, novamente nos convida e exorta a que neste trintário honorifiquemos e veneremos, com todo o nosso fervor e com toda a nossa devoção, êsse amantíssimo e dulcíssimo Coração, onde se repercutiram todas as dores e todas as alegrias da humanidade.

Neste mês, chamado o mês eucarístico ou mês do Sagrado Coração de Jesus, é justo que nos esforcemos o mais possível para demonstrar ao nosso divino Salvador as affectuosas gratulações do nosso reconhecimento e as férvidas correspondências do nosso amor.

Há dezênas de séculos que uns sonhadores incorrigíveis não cessam de preconizar que a terra basta a fazer a nossa felicidade, que escusamos de soerguer os olhos para o Céu, porque temos cá em baixo quanto é preciso para encher todos os nossos desejos.

Deus, paraíso, vida futura, segundo êsses sonhadores, não passam de embustes clericais ou de fantasias de cérebros imbecis. Pretendem brutalizar o homem, arrancando-lhe do coração todos os sentimentos religiosos e abafando-lhe na alma as suas irreprimíveis aspirações para uma vida melhor. Ora é necessário reagir fortemente contra essa funesta filosofia negativista que se está tornando um verdadeiro flagelo da humanidade.

Os inimigos do sobrenatural prometem ao homem, num futuro mais ou menos longínquo, umas inefáveis venturas como ainda ninguém fruiu. No entretanto os homens vão sofrendo cada vez mais, à medida que o naturalismo alarga os seus domínios.

Uma perfeita felicidade cá na terra é uma utopia tam néscia que só numa cabeça ôca pode caber; porquanto, embora viesse a conseguir-se algum dia, —quem compensaria êsses milhões e milhões de homens que antes de a alcançar foram ceifados pela morte e que tinham tanto direito a ela como êsses que mais tarde a viriam a gosar?

A verdadeira felicidade sómente Jesus, o nosso Redentor, nos ensina onde ela está e como se pode conseguir. «Vinde a mim todos os que trabalhais e andais sobrecarregados e eu vos fortalecerei. Tomai o meu jugo sobre vós e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração e vós achareis o repouso para vossas almas.» (1)

Estas palavras, tam ternas e tam consoladoras, que brotaram do amoroso Coração de Jesus, teem calado fundamente na alma de milhares de pessoas

que, embora pobres, desprezadas e doentes, se julgam mais felizes levando o suave jugo da lei evangélica, do que os mundanos que conseguem provar todos os prazeres sensuais.

Ah! a humanidade sofre muito e sofre porque anda desnorteada por utopistas perversos que a afastam da fonte de todas as consolações, que é Deus—*Deus totius consolationis* (1). E se alguém duvida de que a felicidade não está no amor de Jesus, experimente e verá como é certo ela estar aí. «Provai e vede como o Senhor é suave» (2). «Quam grande que é, Senhor, a multidão da tua doçura, a qual escondeste para os que te temem!» (3). «¿Porque estás triste, alma minha, e porque te conturbas? Espera em Deus... porque feliz é o homem que nêle espera.» (4)

Por conseguinte, segundo nos ensina a razão e a experiência, não é nas negações audaciosas do ateísmo, nem nas baixas brutalidades do materialismo, nem nos sonhos impossíveis do socialismo que está a verdadeira felicidade, a felicidade por que todos anelamos, mas na religião cristã com a sua pura moral, no seguimento das determinações da Igreja com os seus bons exemplos, na adoração e amor do Santíssimo Coração de Jesus com as suas doces consolações. Se todos amassem a Jesus como devem e êle merece, não haveria na terra nem guerras, nem ódios, nem torpezas, nem fomes, nenhuma dessas misérias que tanto fazem sofrer os homens.

Gostem os homens de amar e servir a Jesus, ao Rei imortal dos séculos, e êle lhes dará tudo o que os seus corações pedirem.

P. A.

(1) II Corint. c. 1, v. 3. (2) Salmo XXXIII, 9. (3) Sal. XXX, 20. (4) Sal. XLII, 5. ( ) Sal. XXX, 9.

## PRO PATRIA OMNIA

Falando da apreensão de «O Correio» o sr. presidente do ministério diz que êsse jornal foi apreendido porque não pode consentir-se que alguém, abusando da tolerância da república, publique em território português jornais colaborados por Paiva Couceiro, Alvaro Chagas, Aires de Ornelas e outros.

(Do extracto da sessão da câmara dos deputados de 27 de Maio).

Por mais que nos queiramos persuadir, tentando até enganarmo-nos a nós mesmos, de que quem preside ao ministério que actualmente dirige os destinos da nossa nacionalidade é um homem com todos os seus membros e com todas as faculdades, com sangue português embora verde-rubro em vez do antigo sangue azul que tanto distinguin saudosos estadistas, mas sangue bem português e entranhas bem portuguesas, um homem sobretudo com a cabeça no seu lugar, não conseguimos desviar de nós a convicção de que não é tal um homem assim, mas um ser desponderado que pretende que o creiam autocéfalo, quando não passa de um ente sequestrado que se quer impor como um grande estadista não sendo mais do que um mediocre e estouvado aprendiz dêsse *métier*.

O homem que preside ao ministério actual é—não nos convencemos do contrário—um aborto que alguns inimigos da nação portuguesa atiraram para esta infeliz terra para a flagellar, para a torturar constantemente.

E' um filho espúrio da revolução de Outubro de 1910, o que menos fez para que essa revolução triunfasse e que, uma vez a república implantada, tratou de tomar para si a parte de leão, ajudado nessa empenhada empresa por um pouco de popularidade que a sua fofa verbosidade mascarada de competência, a sua mediocridade com capa de intellecto, a sua manha e a sua ronha, conseguiram conquistar no farelório dos comícios.

Que diferença sensacional!

O homem de ontem e o homem de hoje!

Trocaram-no, com certeza!

O homem que preside ao ministério actual foi trocado, não pode haver a menor sombra de dúvida.

Por que artes de magia, por que mandinga os inimigos de Portugal, os degenerados portugueses que concorreram para a deplorável miséria em que êste país vive, arranjaram isso, não o sabemos, mas que a troca se

fêz, que o presidente do ministério é um aborto atirado para aqui não sabemos de onde, isso é que para nós é ponto de fé.

Digam-nos que é o sr. Afonso Costa, o grande estadista, o Pombal do século XX, a pedra angular da república que nós diremos, porque disso estamos convencidos, que não, que não pode ser, que o presidente do ministério não é português, não nasceu, não se criou em Portugal, não é filho de pais portugueses, nem tem mesmo a mais leve noção do que seja Portugal e o seu povo.

Esse homem que aí está, está trocado.

Esse homem foi predestinado para soba de uma terra de cafres, de brutos, de peles vermelhas, sem instrução, sem educação, sem conhecimentos humanos, sem os mais leves princípios sociais, mas nunca para governar Portugal livre e independente com democracia e demais miudezas em pleno século das luzes, em festejado tempo de igualdade, liberdade e fraternidade.

O actual presidente do ministério fêz de Portugal uma antiga Roma arvorando-se a si próprio em Cezar, e, na impossibilidade de ver o mundo inteiro dobrar o joelho perante a sua onnipotência, compraz-se, porque encontrou uns modernos e bem adaptados *Carneiros de Panurgio*, pagos a tanto por dia e por cabeça, que só sabem fazer jus a êsse tanto que lhes pinga no bolso, em espesinhar-nos, em fazer de nós o juguete dos seus caprichos e das suas ambições—das suas e das dos outros que o mandam.

Da sua tirada na câmara dos deputados que ninguém elegeu, tirada que noutra conjuntura normal seria suficiente para rebentar os tirantes, vê-se que a cabeça que do alto nos domina anda consideravelmente avariada e que não sente nem pesa o efeito e o valor das suas palavras.

Falar em *tolerância da república*, nesta altura, o presidente do ministério, é dizer a maior atrocidade, a maior incoerência, o mais desquilatado desconchavo que pode imaginar-se.

¿Esqueceria porventura a alguém o regimen puramente despótico a que foram submetidos os jornais *Socialista, Sindicalista, Novidades, Intransigente e Nação* e a que ainda está sujeito o *Dia*?

¿E a *tolerância da república* é assim?

¿Impagável tolerância, não haja dúvida!

E mercê da mesma *tolerância* é apreendido o *Correio* porque “não pode consentir-se que al-

guém, abusando da tolerância da república, publique em território português jornais colaborados por Paiva Couceiro, Alvaro Chagas, Aires de Ornelas e outros,!!!

Estamos em Portugal, com um tal presidente de Ministério... e não há que estranhar.

E' a dura, a triste, a suprema lição do vencedor ao vencido quando este foi um herói e aquele foi um poltrão!

E' a doutrina aplicável ao caso que estamos vertendo.

¿Quem foi ou o que fez o actual presidente do ministério nas horas fatais da revolução de Outubro de 1910?

Poz-se em lugar seguro e, quando viu que já a sua vida não podia correr perigo, fez de si um herói à custa do *coupé* 44 que é pena não ter sido adquirido para o musen da revolução para ficar ali sempre, bem patente, o *padrão* da sua imorredoura glória.

¿Quem foi e o que fez, nas mesmas fatais horas, o Capitão Paiva Couceiro?

Sem o querermos lisonjear, porque nem lisonja nem ataques descabidos fazem parte do nosso programa, o Capitão Paiva Couceiro cumpriu o seu dever de soldado ao serviço da sua pátria combatendo, enquanto pôde, em defesa dela e das instituições que jurara defender.

Um inimigo?

Não!

Um patriota, um português, um soldado digno deste nome!

Houve soldados indignos, mas neste número não está, não pode estar o Capitão Paiva Couceiro.

Cumpriu o seu dever e quem assim procede não é um inimigo, mas um homem digno da farda que enverga.

¿Na vigência da república o que fez o Capitão Paiva Couceiro?

Conspirou?

Convimos, conspirou.

Contra a pátria? ¿Contra a nacionalidade portuguesa?

Negamos.

A pátria não é este ou aquele regímen; a pátria é o povo e o povo somos nós todos. A nacionalidade não é constituída por este ou aquele agrupamento político; é um património sagrado que nos foi legado por aqueles que, com o valor da sua espada e da sua inteligência, o souberam conquistar, no qual todos nós temos a nossa parcela que devemos defender até ao último esforço.

Paiva Couceiro, bem vista a sua acção com olhos de ver, desapaixonados e imparciais, não conspirou contra a pátria ou contra a nacionalidade, mas contra a república do actual presidente do ministério, república que ele, pela orientação que lhe tem dado, tornou absolutamente inadaptable a uma incomparável maioria da população portuguesa, sem embargo de para ai se dizer que o povo está completamente integrado na república.

Se no procedimento de Paiva Couceiro houvesse o pretendido crime de lesa-pátria, o presidente do actual ministério, para o

poder acusar com razão e com coerência, teria primeiramente, se quisesse eximir-se da maçada de comparecer perante os tribunais marciais, de lavar, por suas próprias mãos, um decreto declarando-se reu do mesmo crime e condenando-se à pena última porque não poderia, como com áquelle acontece, alegar a circunstância de anteriores serviços prestados ao seu país, e dar imediatamente entrada em um estabelecimento penal.

De lá, de uma cela da penitenciária onde, se houvesse seriedade e coerência, lhe não faltariam companheiros, poderia atacá-lo, verberá-lo e condená-lo à vontade e as suas palavras seriam tidas como legítimas porque tinham a validá-las a nobreza do seu procedimento e estamos certos de que Paiva Couceiro, que também é nobre e não sabe ser covarde, viria imediatamente e gostosamente reconhecer a razão do seu adversário e tomar o seu lugar na cela que em tal caso lhe caberia.

Ir porém o presidente do ministério para a câmara dos deputados de uma nação a abarrotar de liberdade e de fraternidade, e que tem na sua constituição política garantida a liberdade de expressão do pensamento, dizer que não pode consentir-se a publicação de um jornal colaborado por Paiva Couceiro é uma infantilidade presidencial, um desconchavo liberal.

¿Há ou não há a liberdade de a gente pensar como entender e dizer o que pensa?

Se não há retirem da Constituição o art.º 13.º para a gente não viver com mais essa ilusão além das muitas que já existem, e se há então deixem falar quem fala que buchas de papel não matam ninguém.

Tudo isto é triste, mas mais triste ainda é o facto de aquelas palavras terem sido proferidas em pleno parlamento onde há directores de jornais, e jornais desafectos ao Governo, e nem um só se dignar refutar as palavras do presidente.

Os deputados, salvo raríssimas e honrosas excepções, teem um medo ao papão presidente que se pelam e éste é tal o receio que se apoderou d'ele que até já os dedos lhe parecem hóspedes conspiradores monárquicos, sindicalistas, golpistas, o diabo a quatro!

E' por isso que a rôta barcaça vai metendo água por todos os lados e, se assim continua, não tardará muito que se afunde.

Deixemo-nos de mais comédias, sr. presidente, que o mundo já está atónito de ver tanta farça, tanto bobo sem pilhéria e tanto menestrel desafinado.

O que urge fazer é meter ombros à patriótica empresa de salvar a rôta barcaça se ainda é possível salvá-la.

Vamos a isto, sr. presidente, e se não pode arrear dando o lugar a quem tenha competência para o fazer.

Os seus artificios, as suas pressões e o seu despotismo de cada vez a afundam mais e recemos que mais tarde seja já muito tarde.

## O meio dia na feira

Deitou o *Trapo* fala em estilo heróico acerca do que aqui escrevemos sobre a manifestação de fé católica que, aos sábados, se observa na feira do gado à hora do meio dia, e vem falar-nos em auto-sugestões e em aguilhões da fé pretendendo fazer espirito de uma coisa tam digna e tam respeitável como é a crença daqueles que a teem.

Diz o illustre escriba, que decerto escreveu o seu artigo a ponta de espada, que «simplesmente, para contrapor aos naturais feitos das suas (nossas) especulações não será mau que lhe digamos (a nós) estar essa banalissima costumeira da convenção católica muito decadente, muito pouco destacada para o que se via e se sabe ter sido noutros tempos—nos tempos em que D. João VI não punha dúvida em interromper uma recepção diplomática... por causa do toque do meio dia!»

Muito nos conta o impagável escriba a respeito da tal decadência e tem carradas de razão porque ela é tamanha que, apesar de datar de D. João VI ou pouco depois para cá, apesar da fúria do ataque sistemático feito ao catolicismo nos últimos tempos com Charniços e tudo à frente—os templos regorgitam de fieis em qualquer acto religioso e o povo continua a descobrir-se e a orar respeitosamente ao toque do meio dia em plena praça pública.

Singular decadência que só eles veem!

Que o furibundo escriba lê alguns trechos de Bíblia, é verdade; mas o que não sabe é traduzir-lhe o sentido nem applicar-lhe os ensinamentos e depois dá rajá.

Nós bem sabemos o que os rala e os faz remoer até ao último ponto.

¿E' que há dias, em uma eleição que houve no sínédrio d'êles, apenas puderam conseguir, apesar de muitos esforços e muitos pedidos, cerca de muito duvidosos 400 votos, e pouco antes, no templo de S. Francisco, sem pedido algum e sem o menor esforço, viram-se aproximar da Mesa Eucarística cerca de 4:000 pessoas de ambos os sexos e de todas as idades e condições sociais!

Sua diferença, não acham? Pois o que os rala é isto. E' verem que o povo continua inalterável na sua Fé e não vai aos seus sínédrios nem pelo aguilhão da ameaça.

E digam que exploramos.

## Um documento valioso

O importante diário da capital *O Dia*, publicava há dias, a propósito de uma subscrição aberta pela senhora D. Constança Teles da Gama, uma carta que gostosamente e com a devida venia apresentamos aos nossos leitores para que vejam que nos tempos que vão correndo nem tudo é podridão nem tudo é cobardia.

«Sr. Director de *O Dia*

Junto envio uma corrente de ouro maciço, em tempos milhores comprada no Leitão, para com o seu producto ajudar a encher a subscrição aberta pela Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Constança Niza a favor do prêso Costa, para que este desgraçado possa vêr-se livre da multa de 800.000 rs. a que foi condenado pelo tribunal marcial.

Não me é possível arranjar um ceitil que seja ao meu orçamento de este mês, de onde já tive dificuldade bastante para contribuir com uns mil réis para o presente a El-Rei.

Pede desculpe o que se assina

De v... etc.,

Official de marinha talassa.»

## DOIS LUARES

A' Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. M. C. G. M.

Duas horas da noite. Que é da arágem, que é da briza, do zefiro ou do vento que possa arrefecer o meu tormento ao contemplar tam só Vossa imagem?!...

Embora occulto à sombra da ramagem onde curti os ais do sofrimento, só p'ra Vós elevava o pensamento seguindo o que seguías na miragem.

Mas, ai! quando desceste os cortinados vi o Saará dos mil apaixonados na plumbea escuridão dum só luar!

Contudo um Astro levantou-se além, mas sem a luz que a Vossa face tem, sem o poder de nos fazer sonhar!

Romeu.

Guimarães, | 25 | 5 | 913.

## BEIJOS DE JUVENTUDE

Coisas chiques e... pedagógicas!

Bocadinhos de ouro, colhidos por um *peguerrucho*, do artigo *Dispersão da vontade*, firmado pelo Sr. Dr. Eduardo de Almeida, director do Internato Municipal, na *Alvorada* de 29 de Maio, 5.<sup>a</sup> feira.

«.....»

«Havia em mim—que profunda alegria falar já d'este modo—houve em mim um sujeito normal, razoavelmente inteligente, honesto segundo a média actual, trabalhador, etc.

Um dia, quando era assim, pensei em regular a existência, disposto a lutar decididamente contra a fatal dispersão em que gastara a mocidade. Comprei uma casa. Conquistei uma mulher. Era uma apetitosa morena de lábios frescos, tinha uns seios de bronze, agudos, palpitantes, em que servia a seiva luxuriosa.

Dela me ficou a maior impressão de beleza, musculosa, capaz de me ferir com um punhal para enfeitar com as gotas vermelhas o seu cabelo.

Vivi um ano na mais absoluta tranquillidade. Saía pouco, não bebia vinho; li, estudei, escrevi para uma revista, etc.....»

Como me levantava cedo, numa certa manhã de inverno em que consultava no escritório um livro de Mortillet, senti que um outro eu se desprendia de mim, arremessava com desprezo o livro e corria na fúria halucinada de se divertir.

Só nesta noite gastei meia riqueza. Não voltei a casa, cheguei a esquecer que ali vivera.

Foi então um largo período de boémia sem interesse. E' a mesma coisa sempre—bebia como um carvoeiro, jogava como um falido, amava como um velho...

Uma noite—como e porque?—acordei num leito que comeci estranhando.

A meu lado dormia uma criatura loira, geometria de linhas sem expressão para o sentido do amor.

Atordoava-me a cabeça o fumo espesso da última orgia.»

Depois o Sr. Director do Internato Municipal, parece que levou o *seu eu* para casa duns humildes lavradores...

Comia do seu caldo, exigira que o deixassem dormir no palheiro; errava pelos montes, contemplava, vegetava...

Conta paternalmente que havia no casal uma *pequenina*, e clama languidamente—«Eduquei-a. Amei-a como nunca amei os meus filhos. Em noites de inverno contava-lhe histórias da carochinha e ensinava-lhe as estações, o que era a trovoadra, dois princípios de higiene que amanhã lhe aproveitariam quando fôsse mãe.

Fui com ela a romarias e esfolhadas.

Uma tarde de sol os pais foram roçar mato. Subimos ambos um montado. Ela levava a comida, eu o vinho que fôra comprar à venda, uma pinga de estalo.

A pequena estremeceira. Vi nesse estremeceimento a mulher que desperta, a febre do desejo que se agita.» Etc., etc., etc. e mil et coeteras...

E o grande Michelet a gritar que a primeira parte da política é a educação, a segunda—a educação, a terceira—a educação!!!...

Valham-nos, entre outros, Guyau, Dom Bosco, Mgr. João Ferreira Airoso e o grande Cesca da formosa e ridente Italia!

## Os sinos dos... jesuítas

O nosso *angélico* frei António Lopes, ouvindo o dobre do *augusto bronze* de Sam Fiel, Quelhas, Campolide, Sam Bernabé e Santa Luzia, traçou a *oiro* estas lindezas:

—O *bronze* para a *estátua do grande Marquês*, será dos próprios sinos deles—os jesuítas que o mesmo expulsou. Roma já protestou chamando talvez ao caso uma provocação. Embora. Chamemos-lhe nós uma recompensa, ou milhor, uma recordação, e bem mais do que Roma teremos acertado.

O *bronze* desses sinos jamais chamarão à cova as almas crédulas e timoratas,—porque vai falar na expressão animada duma *estátua*!

E finalizando: «Devemos de concordar... que é eloquente o pormenor...»

Paternidade reverendíssima, no que devemos concordar, e sem reservas, é que muitissimo tolo é um padeiro em levantar-se a desoras para trazer um moléttinho fresco e loirinho ao frei António e à sua *governanta*, a *cachopa Alvoradinha*.

¿Então, sua feiona, escreve-se que—«o *bronze* desses sinos jamais chamarão à cova as almas crédulas e timoratas?»

Outro officio, pequena... plantar cebolinho e frei António que o regue a miudo!...

¿E ainda dizem que não há jornalismo de... homens a chamar à *cova* almas crédulas e timoratas!...

Este frei António, *mai-la cachopa*, são duas pérolas e irmão-

zinhos na graça e finura de pequeninos!

Lindos bernardinhos!

### Interpretando...

A criada do nosso fradinho, sempre maliciosa, alegre e prazenteira, depois de ter passeado pela praça do mercado de cestinha no braço e grande ramillete de cravos encarnados e limoneta ao peito e comprado por um centavo uma enorme folha de couve, três alfaces para os grilos e sete alhos para condimentar o bacalhauzinho que o patrão deseja assado na grade, regando-o depois com um fiozinho de azeite precioso do sr. Ramalho, chegou finalmente à rua da República e disse muito orgulhosa para a vizinha da alfaiataria Branco: «O Radical de Louzã transcreveu parte dum nosso artigo aqui publicado sobre a Juventude degenerada» — vulgo juventude católica. E' que lá o perigo alastra como por aqui, embora eles sejam tam miseros e mesquinhos que não saibam interpretar o espirito do tempo».

—Ai, minha honra, o que aí vai! Então os miseros e mesquinhos jovens católicos não sabem interpretar o espirito do tempo?

E o frei António, a cheirosa cachopa, os manos e primos sabem interpretar a expressão animada da brônzea estátua do Sebastião José... que expulsou pela vez 1.ª os jesuitas e não interpretam a ingratição dum governo e dum comissão presidida pelo Príncipe do Rial Segredo, Magalhães Lima — que gastaram um certo bronze todo... só deixando os badalos, para com eles ser fundida a estátua ao 2.º Sebastião Afonso que também fez o que pôde para interpretar o espirito do tempo...

A estátua! a estátua!

Ora interprete, paternidade reverendíssima, a seguinte carta que o intelligentíssimo e habitual correspondente de Lisboa para o popular «Notícias» escreveu em 28 de Maio último:

«Essa é que nunca poderia ter passado pela cabeça de marquês de Pombal: — que a sua estátua seria fundida com o bronze dos sinos das igrejas jesuitas. Que lhe ergueriam, mais tarde ou mais cedo, um monumento, devia ter pensado; mas... de massa bem diferente. Com outro sangue, sim; isto é, com outro bronze, que é o sangue e também a carne das estátuas; nunca com o dos sinos das igrejas daqueles que expulsou do reino. Pobre marquês, o que ele, em estátua, irá sofrer!

O prurido que esse bronze lhe causará há de ser horrível. E ele sem se poder coçar! Porque um homem de bronze, ou de mármore, não se coça como um homem de carne e osso. Há de ali sofrer a comichãozinha sem pestanejar. Os badalos, ainda depois de fundidos, hão de mexer como as eirozes depois de mortas, e hão de pôr-lhe a ferver os bronzes miolos. Um verdadeiro inferno o interior dessa estátua, — mais insupportável que se contivesse as visceras de duzentas sogras e de quinhentos senhorios, e o sr. Faustino da Fonseca, lá dentro, a querer pôr tudo em ordem!

Um belo dia, não há dúvida, a estátua endoidece, e aí a vemos pelas ruas de Lisboa a dar cabriolas, apesar do seu peso. Como o homem-macaco, arrancará, aos saltos, pela Avenida abaixo, tomba aqui, levanta-te acolá, pondo em risco a vida de quem passa, batendo com a cabeça nas frontarias dos prédios, pulando para os tejadilhos dos electricos, rebolando-se pelas pedras das calçadas, atravessando o Rocio com a garotada atrás dela, entrando pela rua do Ouro aos rebolões, até

chegar ao Terreiro do Paço, onde depois de pedir, inutilmente, um calmante a D. José, se lançara ao Tejo num ímpeto de desespero. E a estátua-doida ficará na história como o maior fenómeno do século XX.

Óu le jesuitisme va-t-il se nicher!

Uma beleza, hein?! Vai-te cachopa!

### O novo evangelista João...

(A propósito das estéticas opiniões emitidas no «Primeiro de Janeiro» de 28 de Maio, pelo correspondente de Guimarães, que todo se regosija com a demolição da bela igreja parochial de Sam Paio).

No princípio era João lazarista em Santa Quitéria de Felgueiras e viu sua evangélica pessoa que o construir, conservar e restaurar igrejas era bom; antes do principio ser principio, João era de Deus e sua mãe pediu ao Céu que tal varão nascesse para, com zelo só igual ao do Vidente de Pátmos, prégua a Fé e a Caridade em Jesus desde Meliapor e Cochim a Macau e Timor; e mil igrejas cubessem numa rua que toda a evangélica pessoa de João varreria e zelava meiga e comovidamente; já homem e no meio de outros homens, João, sempre ardente ad majorem Dei gloriam, espantou os povos clamando, na saudosa «Palavra», por peregrinações, novenas, comunhões e outras magníficas coisas de Deus... Reinavam então os Braganças e tremulava nas altas torres e praças fortes da nossa terra a bandeira azul-branca e havia pão, vinho, mel e leite em abundância nas lusas terras.

E João, filho de Joaquim, casou e se não houve filhos e filhas como Abraão e Jacob, teve uma cadeira no Círculo Católico e outra na Veneravel Ordem Terceira de Sam Francisco, cujas armas parece usar para as santas tradições, desde que sobre nós apareceu a aguiã de plumagem verde-rubra, cuja envergadura causa tal espanto a João, que já pede demolições de igrejas para ter praças largas por onde possa correr célere o seu automóvel repleto de opiniões estético-janeirinhas!

Quão melhor fôra que João gritasse na folha de Gaspar Baltar: filhinhos queridos, amai-vos uns aos outros; camaristas elegantísimos da nova Guimarães: — não demolir a torto e a direito, mas construir por necessidade, com parcimónia e estética;

—; Onde nos apontais o novo bairro operário, como em Coimbra o tem o Venerando Bispo-Conde?

—; Em que sessão votareis a necessária substituição dos miseráveis casebres de Sam Tiago e Padre Caldas, por umas casas dignas de serem moradas?!

—; João, porém, é aguiã e as aguiãs andam muito alto e jamais descem a curar das necessidades dos pobres, filhinhos do abandono e netos da fome e frio!

E depois João tem um simbolo: a pereira de amorim, de cujos frutos verdes oferece à Igreja e os maduros e odorosos aos democráticos varões, nossos senhores e da nossa terra; e, porque tudo isto ainda podia ser pior, muitíssimo pior, — Deo gratias!

31 | 5.º | 1913.

Paiolopes.

### EXPEDIENTE

Casos de força maior, a que não foi estranho o dia santo de sexta-feira, que o pessoal gráfico guardou, obrigaram-nos a retardar um dia a publicação do presente número do nosso jornal, facto por que pedimos desculpa aos nossos presados assinantes.

### Jornalismo de... conveniência

E' o que se está fazendo no *Trapo* com satisfação de toda a comunidade.

E a conveniência indicou que deviam vir a campo em defesa do sr. Tenente Valdez depois de o terem atacado, e não tiveram dúvida alguma nisso... e vieram, mas vieram desastrosamente.

Defesa depois de ataque é caso estupendo!

Se se quiserem recordar, nós nunca fizemos rapa-pés nem curvamos a espinha ao sr. Tenente Valdez e se algumas cartas lhe dirigimos aqui em termos respeitosos e delicados está isso no natural feito de falatmos com respeito e delicadeza a qualquer pessoa de tal merecedora.

Algumas vezes falamos com o sr. Tenente sendo de uma delas éle que nos veio procurar e s. ex.ª poderia ter pessoalmente constatado que nós não somos atreitos a salamaleques nem a curvaturas de espinha.

O criminoso que implora impunidade ou misericórdia precisa de fazer rapa-pés e de curvar a espinha; mas aquele que levanta a sua voz para pedir imparcialidade e justiça não se curva, fala de espinha bem erguida e de cabeça bem altiva.

E' o que nós sempre fizemos tanto para com o sr. Tenente Valdez como para com qualquer outra pessoa porque nos diz a nossa consciência que assim façamos.

Quem não deve não teme e nós, nada devendo à justiça, nada dela podemos temer.

Mais dumavez dissemos neste jornal que tinhamos muito que dizer acêrca da meada do pretendido complot monárquico de Guimarães, mas que não era ainda tempo de falar.

E ainda agora o não é.

Porém, como o *Trapo* parece ter empenho em ver já alguma coisa do que por cá existe, vamos levantar uma pontinha do véu que cobre tudo, mas só uma pontinha para que o refugado se não estrague todo já.

Ora oiça lá o *Trapo* e não diga nada a ninguém, porque isto, por enquanto, é segredo:

Nós chamamos ao sr. Tenente Valdez ilustre e brioso oficial e exalçamos-lhe o seu nobilitante procedimento porque, de principio, nos pareceu de justiça assim fazê-lo e porque éle nos disse e nós assim o acreditamos, que era um republicano convicto e sincero; porém, quando um dia entramos nas Doroteias e vimos a bandeira portuguesa, a bandeira azul e branca — essa bandeira gloriosa que, longe de ser o simbolo da realza, era o simbolo da nossa pátria, sob e em defesa da qual Serpa Pinto, Galhardo, Mousinho, Roçadas e tantos outros, cometeram prodígios de heroicidade — a servir-lhe de tapete, mudamos de opinião e vimos que não se tratava de mais do que o pedantismo republicano em acção.

Chamamos-lhe distinto promotor porque sempre julgamos que, para um serviço da responsabilidade do que lhe estava incumbido, se nomeasse um homem recto e distinto, imparcial e despido de banalidades mundanas; mas reconhecemos que tal não se dava quando o vimos em caçadas noturnas com indivíduos tendenciosos que não podiam deixar de insinuar-lhe no espirito as suas perseguições e as suas vinganças com fingidas suspeitas, e foi s. ex.ª que disso nos convenceu quando nos disse que nada teria feito se não fôssem alguns dedicados republicanos, e que se fôsse a fazer obra por indicações vagas teria de prender meia cidade.

Enfim o sr. Tenente Valdez viu tanta coisa que só apanhou por alto.

No que nós dissemos não há factos particulares da sua vida.

As tais caçadas são bem públicas e bem notórias.

Uma vez vimos nós na fotografia Carvalho, à rua de Paio Galvão, uma peça de caça que ali foi fotografar-se por ordem do sr. Tenente.

Outra peça de caça vimos nós duas vezes, pelo menos, no átrio das Doroteias.

Ora factos desta ordem não são particulares da vida de ninguém: são públicos e bem públicos.

Aí fica, pois, isso porque pode alguém julgar que o *Trapo* tem razão; ora quanto a responder ás arrieadas do asno que de lá orneou nem nisso pensamos.

O resto há de vir a seu tempo.

## Os administradores e o jogo

Do *Trapo*:

### Com aplauso

6 administrador de Fafe sofreu o desaire de ser suspenso do exercicio de suas funções por ter feito «vista grossa», deixando que se jogasse durante os dias da feira dos 16.

Bem entendido — j se não nos participarem dali que o mesmo administrador venha a ser reintegrado, porque, então, o desaire... será da lei que, sendo expressa e clara, manda exonerar, sem remédio, essa autoridade!

Nada de atitudes dúbias.

Nós também achamos bem entendido.

—; Pois compreende-se lá que um administrador faça «vista grossa» deixando que se jogue quando o papásinho Afonso fez do jogo questão politica?

Muito bem feito, sim senhores. Mas então marque lá o *Trapo* estes dois tentos:

O administrador de Fafe fez vista grossa e o de Guimarães, o cidadão Guilhermino Alberto Rodrigues, veterinário municipal, foi visto em Fafe em um dos dias da feira junto a uma meza de jogo ilícito.

E, se quer, marque lá mais dois:

O mesmo administrador de Guimarães, que no caso acima estava fóra do seu concelho, mas era todavia um administrador, foi visto o ano passado em Vizela sentado a uma meza de batota.

Ora não seria mausinho de todo que o remédio, que o *Trapo* tanto apregoa, fôsse aplicado também ao nosso administrador que, como vê, não serve para modelo.

Estamos daqui a ver já o *Trapo* a pedir a exoneração do cidadão Guilhermino.

Em nome da moralidade para todos assim devia ser, mas vão ver se ele dá um pio a tal respeito.

Não que ele é da grei.

### Isso é com eles

Pergunta-nos um leitor muito curioso porque é que o director do Internato Municipal ainda não seguiu o caminho que aqui lhe indicamos, que era o único honroso que tinha depois das peripécias que se deram.

Olhe, leitor amigo, isso é lá com eles.

Que o director do Internato não ficou bem colocado, isso é certo, mas ele que ainda lá está, lá se entende.

Pode ser que a sindicância, ou coisa que o valha, que o Justinho lá foi fazer, seja honrosa para todos.

Olhe nós não somos muito dados à má lingua, mas que por aí se fala numas mensalidades... e que já tambem outro leitor nos garantiu a coisa como autentica, também é certo.

Talvez seja porisso, leitor amigo.

**LINDOS TECIDOS DE NOVIDADE** para homem e senhora — na Casa Duarte antiga rua de Santo António 33 a 36 — Guimarães. Pede-se a visita a este estabelecimento. PREÇOS FIXOS

### Sem elas

Vieram dizer-nos, como grande novidade, que o mancebo das luvras pretas tem aparecido com as mãosinhas ao ar e que, portanto, deve passar a chamar-se — o *Zé sem elas*.

Com elas ou sem elas tanto nos importa, o que nos parece é que o mancebo não conseguiu tirar das luvras o azeite da lampada e por isso as deixou fora.

Na Alvorada de 20 de Maio findo, e sob o titulo de *Prevenção*, lê-se o seguinte:

«Tendo o industrial José Mendes de Castro iludido por mais dumavez os enviados dos fregueses meus, que pela minha casa ali vão perguntar para compra de artigos ou execução de obras, declarando-se-lhes ser aquela a casa de Luis de Pina, em nome de quem delas se toma conta, abuso este que vem lembrar o procedimento do sobrinho do mesmo industrial, Palmeira, que se encontra preso por vários crimes de burla cometidos em diversas localidades, alguns dos quais também à sombra do meu nome, por este meio venho tornar públicos mais aqueles factos para prevenção das pessoas incautas a quem este aviso pode aproveitar.

Guimarães, 26 | 5 | 913.

Luis de «Pina.»

### Declaração

O abaixo assinado declara para todos os efeitos que nunca necessitou, não necessita nem jamais necessitará de usar o nome de Luis de Pina para coisa alguma que diga respeito a sua arte e que o seu proceder para com todos tem sido de molde a ninguém ter que dizer da sua dignidade e da sua honradez, lastimando apenas que um homem, sadio e robusto, como esse que para aí vive à custa do estado, vicioso e cheio de crapula, se lembrasse agora de o vir comparar num jornal infame com um homem a quem o destino malfadado e de que nenhuma culpa tem.

Não teria vindo à imprensa defender-se desse caluniador, se não fôsse ver o manifesto desejo, desse homem sem brio, de o amesquinhar no seu carácter, tendo de lhe devolver intactos esses malevolos intuitos, pois que na sua arte não necessita do nome de ninguém, quanto mais do desse homem, que parece ver fugir-lhe o mundo, para vender os artigos do seu fabrico.

Mas fá-lo para cortar a peçonha que tal vívora tenta inocular-lhe e para retirar a mordedura do venenoso reptil.

E ficará por aqui até ver. Guimarães, 2 de Junho de 1913.

José Mendes de Castro.

### Cirurgião dentista

## Mário de Sá

Chegou ante-hontem, 31 de Maio, a esta cidade, onde se demora 8 dias, este conhecido e hábil cirurgião dentista.

Especialista na conservação dos dentes e colocação dos mesmos artificiais, com perfeição tal, que se torna completa a ilusão.

Consulta na rua 5 de Outubro, 8 (antiga rua de D. Luis).

## NINHARIAS

POR

José de Azevedo e Menezes

Refutação documentada dos erros cometidos pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire nos seus estudos publicados acerca dos Farias, de Barcelos.

A venda na Papelaria e Tabacaria Lemos, Rua da Rainha.

PREÇO 800 RS.

## Interesses no Brasil

O Escritório de Direito Internacional, à rua do Hospício n.º 79—Rio de Janeiro—, dirigido pelo dr. Carmo Braga, formado pela Universidade de Coimbra, com longa prática de advocacia em Portugal e no Brasil, advogado do Banco Aliança do Porto, da Beneficência Portuguesa e da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, trata especialmente de todas as questões relativas a direitos e interesses de portugueses no Brasil, inventários, habilitações, partilhas, execução de testamentos, providências para evitar a arrecadação judicial de bens e heranças de ausentes, etc. Também aceita procurações para administração de bens no Rio de Janeiro, cobrança de alugueis, rendas, juros dividendos, compra, venda e hipoteca de prédios, averbamento de papeis de crédito, transferências, etc.

Escritório Filial no Porto, dirigido pelo solicitador sr. João Fernandes Amaral, — rua da Fábrica, 78.

Para referências em Guimarães—com os srs. Fernandes & Cruz, e com os advogados drs. António do Amaral e João Rocha dos Santos.

## FUNILEIRO

Manuel Ferreira da Costa

Faz e concerta toda e qualquer peça de obra pertencente à sua arte, tanto em fôlha, como zinco ou cobre.

Também se fazem gazómetros para acetilene, pulverizadores, caixões de chumbo para funerais, banheiras de todos os tamanhos e feitios, encanações de agua ou gaz em tubo de chumbo ou galvanizado, assim como assentamento de retretes e suas pertenças. Tudo por preços módicos.

Rua de Francisco Agra, 31, 33.  
GUIMARÃES

## COMPANHIA DE SEGUROS A POPULAR

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

FUNDADA EM 1902

Capital autorizado Rs. 500:000\$000

Telefone n.º 2460 — Enderêço telegráfico: LARPOPU

Rua dos Bacalhoeiros, 125, 2.º

LISBOA

Correspondentes em Guimarães—PIMENTA & C.ª

Com estabelecimento de fazendas brancas, miudezas, etc.

24, Rua de Paio Galvão, 28

## ATENÇÃO!

Só na Sapataria Académica à Rua Dr. Avelino Germano, 36 (antiga Rua de S. Paio) é que se encontra o calçado mais bem acabado, e por preços que ninguém ousa competir.

Garante-se a superior qualidade nos cabedais empregados nos calçados.

Trabalho, o mais perfeito, e preços muito mais económicos que em qualquer outra sapataria de Guimarães.

Uma encomenda pois, que será a prova mais cabal do quanto se afirma neste anúncio.

## Colégio de Santa Maria

(PROPRIEDADE BRASILEIRA)

GUIMARÃES

Abriu este estabelecimento de educação e ensino no palacete da Madroa.

Tôdas as familias que pretendam inscrever suas filhas, podem fazê-lo nos estabelecimentos de modas, ao Tournal, dos ex.ªs srs. Camilo Alves de Almeida e Oliveira e Silva, ou dirigir-se à Directora no edificio do Colégio.

## FOTOGRAFIA MODERNA

— Rua de S. Dâmaso, 10 —

GUIMARÃES

Nesta acreditada fotografia executam-se com a maior presteza e máxima nitidez, todos os trabalhos fotográficos pelos mais modernos processos como sejam:

Retratos platina, sais de prata, etc.

Ampliações em todos os tamanhos até ao natural de qualquer fotografia por mais pequena que seja.

Retratos em porcelana, madeira e seda. Admiráveis retratos reclame, a 400 réis a meia dúzia.

Belas miniaturas para medalhas, a 250 réis a meia dúzia.

Postais fotográficos, a 900 réis a dúzia.

Ampliações inalteráveis de 50 centímetros, a 1\$500 réis.

Esta fotografia possui um excelente material, o que há de mais aperfeiçoado, o que permite executar todo e qualquer trabalho e com a máxima perfeição, operando com todo o tempo.

Tomam-se encomendas fora do atelier sem aumento de preço.

Prefiram este atelier a qualquer outro, pois é o único com quem ninguém pode competir em preços e perfeição.

NOVA ESTANTE DE PEDAL  
COM  
**FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO**  
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



MACHINAS SINGER PARA COSER  
QUE VÃO DIRECTAMENTE  
DAS  
FABRICAS AO COMPRADOR  
VENDA ANNUAL: 2.000.000 DE MACHINAS

ESTABELECIMENTOS SINGER  
EM TODO O MUNDO

NÃO CABEM  
JÁ NAS  
MACHINAS  
PARA COSER

**SINGER**

MAIS  
APERFEIÇO-  
AMENTOS  
NEM  
MECHANISMO  
MAIS  
EXCELLENTE

MAXIMA LIGEREZA.  
MAXIMA DURACÃO.  
MINIMO ESFORÇO  
NO TRABALHO.

Avenida Candido dos Reis — GUIMARÃES

# O LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA  
(Pagamento adiantado)

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES  
(Pagamento adiantado)

Portugal, Ultramar e Espanha	Anúncios e comunicados, por linha	40 rs.
Sem estampilha. (Ano) ...	Repetições, por linha	20 "
Semestral ...	Permanentes, contrato convencional	
Pelo correio (Ano) ...	Reclamos, no corpo do jornal, até	
Semestral ...	5 linhas, cada um ...	100 "
Trimestral ...	Anunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.	
Estados U. do Brazil (ano) ...	Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.	
Países da União Postal ...		
Número avulso ...		30 "

P. LUÍS DIAS DA SILVA

## SERMÃO DA IMACULADA CONCEIÇÃO

prêgado na igreja matriz de Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; acaba de ser editado num elegante opúsculo, precedido da narração do

interessante episódio que determinou a sua publicação.

PREÇO, 60 RS.

Pelo correio 65 rs.

Pedidos à Tip Minerva Vimaranesse  
R. Paio Galvão—Guimarães

# O LUSITANO

1.º Ano

Publicação semanal de Guimarães

Num. 51

Ex.ª Sr.